

MATERNIDADE EM TEMPOS DE PANDEMIA: VIVÊNCIAS DE MULHERES
PROFISSIONAIS DA SAÚDE EM CONTEXTO HOSPITALAR

MATERNITY IN TIMES OF A PANDEMIC: EXPERIENCES OF WOMEN HEALTH
PROFESSIONALS IN A HOSPITAL CONTEXT

MATERNIDAD EM TIEMPOS DE PANDEMIA: EXPERIENCIAS DE MUJERES
PROFESIONALES DE LA SALUD EM UM CONTEXTO HOSPITALARI

Beatriz Elisa de Moura Borba

Nathalia da Silva Santos

Clarissa Maria Dubeux Lopes Barros

Faculdade Pernambucana de Saúde

Resumo

Introdução: A Covid-19 maximizou preocupações e medos entre profissionais de saúde, especialmente acerca da contaminação de familiares, sobretudo filhos. Assim, essa pesquisa investigou vivências maternas e profissionais das trabalhadoras da saúde durante a pandemia em contexto hospitalar. **Método:** Trata-se de pesquisa qualitativa, em que foram entrevistadas sete profissionais que atuaram em contexto hospitalar durante a pandemia da Covid-19, por no mínimo seis meses e cujos filhos tinham, na altura, entre 3 e 6 anos. **Resultados e Discussão:** Foi realizada análise do conteúdo e emergiram três eixos: Os impactos da Covid-19 na vida cotidiana das mulheres/mães/profissionais, o ser mãe e o ser profissional de saúde durante a pandemia e as percepções sobre o acompanhamento psicológico no período vivenciado. **Considerações finais:** Os dados produzidos nesta pesquisa ampliaram o conhecimento e visam fortalecer formas de cuidado para estas mulheres que lidam com contextos geradores de stress que no momento da pandemia foram intensificados.

Palavras-chave: Mulheres trabalhadoras; Profissional da Saúde; Maternidade; Saúde Mental; Pandemia.

Abstract

Introduction: Covid-19 has maximized concerns and fears among health professionals, especially about the contamination of family members, especially children. Thus, this research investigated maternal and professional experiences of health workers during the pandemic in a hospital context. **Method:** This is a qualitative research, in which seven professionals were interviewed who worked in a hospital context during the Covid-19 pandemic, for at least six months and whose children were, at the time, between 3 and 6 years old. **Results and Discussion:** Content analysis was performed and three axes emerged: The impacts of Covid-19 on the daily life of women/mothers/professionals, being a mother and being a health professional during the pandemic and perceptions about psychological monitoring in the experienced period. **Final considerations:** The data produced in this research have expanded knowledge and aim to strengthen forms of care for these women who deal with stress-generating contexts that at the time of the pandemic were intensified.

Keywords: Working women; Health professional; Maternity; Mental health; Pandemic.

Resumen

Introducción: El Covid-19 ha potenciado al máximo las preocupaciones y temores entre los profesionales de la salud, especialmente sobre la contaminación de los familiares, especialmente los niños. Por lo tanto, esta investigación investigó las experiencias maternas y profesionales de los trabajadores de la salud durante la pandemia en un contexto hospitalario. **Método:** Se trata de una investigación cualitativa, en la que fueron entrevistados siete profesionales que trabajaron en un contexto hospitalario durante la pandemia de Covid-19, durante al menos seis meses y cuyos hijos tenían, en ese momento, entre 3 y 6 años.

Resultados y Discusión: Se realizó análisis de contenido y surgieron tres ejes: Los impactos del Covid-19 en el cotidiano de las mujeres/madres/profesionales, ser madre y ser profesional de la salud durante la pandemia y percepciones sobre el acompañamiento psicológico en el período vivido **Consideraciones finales:** Los datos producidos en esta investigación ampliaron el conocimiento y apuntan a fortalecer las formas de atención a estas mujeres que lidian con contextos generadores de estrés que en el momento de la pandemia se intensificaron.

Palavras-clave: Mujer trabajadora; Profesional de la salud; Maternidad; Salud mental; Pandemia.

INTRODUÇÃO

Com a realidade do Covid-19, os profissionais de saúde têm atravessado vivências de preocupações contínuas, angústias e tensões (Brooks et al., 2020). O cotidiano dessas pessoas sofreu uma mudança de alta extensão, não só no seu meio laboral, mas também familiar, em alguns casos, tendo que se afastar de seus entes queridos, por ser também um vetor de contaminação (Brooks et al., 2020).

A situação do isolamento social repercute em novas formas de lidar consigo em suas emoções. Dunker (2020) coloca que há uma condição de vulnerabilidade trazida pela pandemia que aponta para um contexto sistêmico do sofrimento. Além do mais, a situação política brasileira não promove tranquilidade à sociedade e tão pouco a equipes de profissionais de saúde, ora pelo discurso negacionista, ora pelas informações contraditórias, ora pela prioridade em atender às necessidades econômicas.

No contexto dos profissionais de saúde, outros fatores somam-se a este momento da catastrófica emergência de saúde do covid-19. As condições de trabalho diante da pandemia têm promovido nos profissionais de saúde uma elevada magnitude de stress por diversos

fatores: falta de aparelhamento de equipamento de proteção individual, insuficiência de ventiladores, números restritos de leitos, equipes com poucos profissionais com habilidade para manejar equipamentos fundamentais para o tratamento e a consequente impossibilidade de férias, ou de troca de plantões (Texeira et al., 2020).

Em gestões de pandemias, há uma tendência geral em focar na saúde física das pessoas e o enfrentamento ao agente patogênico são as prioridades de atenção de gestores e profissionais da saúde, de tal maneira que os efeitos sobre a saúde mental passam a ser negligenciados ou subestimados (Ornell, Schuch, Sordi, & Kessler, 2020). Entretanto, medidas de atenção à saúde mental aos profissionais não devem ser menosprezadas (Xiao, 2020; Brooks et al., 2020).

As singularidades devem ser olhadas e serem presentes a toda intervenção em equipes. Numa visão mais pragmática, há uma tendência em conceber a saúde mental como aquela que representa a preservação da normatividade psíquica. O que a pandemia nos traz, diz Bezerra (2020) é que há uma configuração de trauma penetrando nosso viver, aquilo que faz ruptura com o antes e o que virá, incerto futuro, mais incerto do que antes da pandemia (Bezerra, 2020).

Nesse sentido, os profissionais de saúde têm apresentado sofrimento psíquico, mostrando-se mais suscetíveis à desestabilização emocional, medo e consternação pelas pessoas que estão cuidando. Níveis de ansiedade, angústia e depressão tem acometido os profissionais de saúde (Texeira, 2020). Entre eles, um dos grupos que sofreu grandes impactos decorrentes da pandemia, foi o das mulheres/mães/profissionais da saúde, que se encontraram sobrecarregadas durante o período, precisando lidar com as questões laborais e os cuidados dos filhos, lares e demais afazeres domésticos, ou seja, havendo um acúmulo de funções acrescentadas as questões emocionais vivenciadas no contexto pandêmico. Santos et al. (2021) certifica que analisar a maternidade, inserida no contexto da pandemia, amplia a

compreensão sobre as repercussões da dupla jornada, pois mesmo a mulher profissionalmente ativa, passa a afigurar-se como principal e melhor cuidadora. Desse modo, há uma evidente sobrecarga que gera sofrimentos emocionais e atingem essas mães (Santos et al., 2021).

A própria maternidade, como refere Gomes, Port & Cerveira (2022) implica em diversas questões psicológicas e emocionais para a mulher/mãe, pois mudanças sociais ocorridas ao longo do tempo estabeleceram em determinado período o “mito do instinto materno”, enfatizando que toda mulher/mãe estaria condicionada a amar e cuidar de seu filho assim que o conhecesse. Ainda na sociedade atual, na cultura ocidental, este mito de instinto materno parece estar instaurado, fazendo com que exista uma cobrança por parte da própria mulher/mãe a necessidade de providenciar todos os cuidados necessários a seu filho, por vezes provocando sobrecarga a mulher a partir desses ideais de maternidade (Gomes, Port & Cerveira, 2022).

No contexto da pandemia, o fato das mulheres atuarem na base dos serviços considerados essenciais, faz com que seja necessária atenção redobrada a este público das mulheres/mães/profissionais da saúde, pois as dificuldades se mostraram ainda maiores por ter sido necessário acumular funções. Desse modo, focar na sua carreira profissional e no ser mãe, demanda muito da mulher. Vive-se em uma sociedade, que parece o tempo todo querer padronizar modos de pensar e agir, contudo, como destacam Gomes, Port & Cerveira (2022) sabe-se que cada indivíduo é único em suas particularidades e singularidades, desta maneira, torna-se questionável constituir uma única forma de ser mãe e mulher (Gomes, Port & Cerveira, 2022).

Diante desses pressupostos, buscou-se compreender como as mulheres/mães/profissionais da saúde que atuaram no combate a pandemia da covid-19 em diversos setores do hospital, como em enfermarias e centro de reabilitação na unidade hospitalar, vivenciaram as suas experiências maternas durante o período tanto no próprio

ambiente hospitalar, bem como fora dele, junto a seus familiares, em especial os filhos(as). Sendo assim, problematizou-se as condições de vulnerabilidade da mulher, em especial da mulher/mãe/profissional em contextos específicos, como o mundo materno e do trabalho durante a pandemia, tendo em vista que o estudo pode contribuir para ações de cuidado em saúde mental, bem como para a construção de políticas para o público em questão.

MÉTODO

A presente pesquisa delinea-se a partir do método qualitativo. Numa busca qualitativa, se preocupa menos com a generalização e mais com aprofundamento (Minayo, 2017). Utilizou-se a entrevista do tipo semiestruturada como instrumento para fornecer os dados necessários. Segundo Gil (2008) esse tipo de entrevista consiste na utilização de um roteiro previamente elaborado com perguntas norteadoras verificando a adequação dos objetivos pretendidos para a pesquisa. As entrevistas foram realizadas em um hospital de referência no nordeste brasileiro, por realizar atendimentos dos casos da covid-19.

Participaram das entrevistas mulheres/mães/profissionais da saúde que atuaram no combate a pandemia da covid-19 com filhos de idade entre 3 e 6 anos, estágio correspondente a primeira infância, pois acredita-se que esta fase diz respeito a um período crucial de desenvolvimento do ser humano e manter contato com um cuidador principal é de extrema importância nesta etapa da vida.

As entrevistadas foram convidadas a participar da pesquisa de forma voluntária, obedecendo aos critérios éticos da Resolução 510/16. Após a assinatura do Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (TCLE) os dados foram obtidos e o conteúdo previamente autorizado para gravação, posteriormente sendo transcrito. As transcrições foram realizadas de modo fidedigno, preservando as falas das voluntárias.

A análise de dados foi feita a partir das entrevistas. No que concerne ao método qualitativo, os dados foram analisados pela análise temática de conteúdo de Minayo (2008), onde os fenômenos humanos são entendidos como parte da realidade social e a análise de conteúdo oferece suporte para a descrição do conteúdo emitido de modo que as vivências do sujeito, bem como sua percepção sobre o objeto e seus fenômenos, sejam qualificadas.

Após as transcrições das entrevistas, o material foi analisado e discutido entre o grupo da pesquisa construindo grades, buscando-se, a partir dos diferentes olhares, a construção interpretativa das falas e a avaliação dos aspectos de cunho transferencial.

Foi realizado um exame minucioso de cada entrevista com uma visão conjunta de todo o material, identificando-se as unidades de fala que remetam aos elementos ou categorias de análise teóricas identificando categorias empíricas. A partir da análise das informações, incluindo a leitura transversal do material houve a construção das áreas temáticas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram entrevistadas 7 mulheres/mães/profissionais da saúde que atuaram durante o combate a pandemia do coronavírus no contexto hospitalar, suas idades variaram entre 35 e 41 anos e a de seus filhos entre 3 e 6 anos. As profissionais participantes da pesquisa pertenciam às seguintes categorias: médicas (2), enfermeiras (3), fisioterapeuta (1) e terapeuta ocupacional (1), que atuavam nos setores de enfermarias e centro de reabilitação da unidade hospitalar. Destas, 6 entrevistadas se identificaram como mulheres brancas e 1 como parda, são atuantes na área de saúde num período compreendido entre 11 e 17 anos.

Para garantir a confidencialidade e assegurar o sigilo da identidade dessas profissionais, todas as falas foram identificadas pela palavra “entrevistada” seguida de um número. Empregou-se a codificação do material transcrito que resultou nas categorias apresentadas a seguir, relacionadas com o objetivo desta pesquisa.

Após a análise das falas das participantes, foram definidas três categorias que derivaram dos conteúdos mais expressivos, que se sobressaíram durante as entrevistas: Impactos da Covid-19 na vida cotidiana das profissionais de saúde, correspondendo as experiências vivenciadas no contexto hospitalar, bem como fora dele; Ser mãe e profissional da saúde durante a pandemia, compreendendo como foi para essas mulheres vivenciar suas funções do ser mãe e paralelamente ser profissional da saúde durante o período pandêmico e por último, Perspectivas sobre o acompanhamento Psicológico, contemplando as percepções sobre a importância deste para o momento vivenciado.

Categoria 1: Impactos da Covid-19 na vida cotidiana das profissionais de saúde

Neste item serão retratados os impactos da pandemia no contexto profissional, os sentimentos, as emoções vivenciadas com maior frequência pelas participantes durante a atuação no serviço de saúde em um contexto pandêmico, bem como as estratégias de enfrentamento utilizadas no hospital.

A partir dos resultados dessa pesquisa, a angústia e em especial o medo foram os sentimentos expressados de forma unânime nas falas das participantes. O medo do desconhecido, de um vírus com alto potencial de transmissão. Jorge, Mello e Nunes (2020) em seus escritos sobre o medo e a angústia pelo viés da abordagem psicanalítica, destacam que o termo medo comumente é recoberto por seu afeto gêmeo, a angústia. Contudo, desembaraçando-se dessa homogeneização e definindo ambos os afetos – medo e angústia – se o medo apresenta um objeto definido, tem-se medo de algo, a angústia é um afeto similar cujo objeto, contudo, não sabemos designar (Jorge; Melo & Nunes, 2020).

“É... De angústia, né!? Das famílias... Das famílias das pacientes que não podiam ficar com acompanhante... É... elas entravam e não sabiam se ia sair, porque no início não tinha tratamento”(Entrevistada 7 – Enfermeira)

“Acho que uma angústia. Uma angústia, uma ansiedade. É, teve muito forte assim (...) foram os sentimentos que predominaram assim” (Entrevistada 4 – Terapeuta Ocupacional)

“Medo. (...) Eu tive muito medo de morrer. Eu nunca tive tanto medo de morrer como eu tive na pandemia”(Entrevistada 1 - Enfermeira)

O medo da morte, do morrer de si próprio e de outras pessoas confirmam o que destaca Oliveira et al. (2020) que em geral, os profissionais de saúde, embora confrontem cotidianamente a morte e o morrer, não têm formação ou capacitação para lidar com esse fenômeno. E o contexto pandêmico evidencia o quanto as profissionais de saúde participantes sentem-se angustiadas em lidarem com a morte ou a possibilidade de encará-la, apesar de lidarem cotidianamente com essa questão, especialmente no contexto vivenciado, o que nos leva a refletir sobre as condições emocionais dessas participantes neste momento.

Precisamos destacar que as condições de trabalho as quais essas profissionais estavam implicadas contribuíram de forma significativa com a forma de lidar como destacado a seguir:

“Eu acho que medo. (...) acho que talvez mais do que o medo, a incerteza mesmo, sabe!? De como as coisas iam evoluir (...) por a gente tá na área, por a gente vê, pensando do ponto de vista macro, uma certa... um descrédito em relação a pandemia, até... ne!? Um negacionismo mesmo” (Entrevistada 3- Fisioterapeuta)

O negacionismo juntamente as notícias e a quantidade de fake news disseminadas, também colaboraram para que a tensão emocional das trabalhadoras de saúde fosse intensificada. O bombardeio de notícias desoladoras, desfechos negativos e fake news – pode provocar problemas substanciais de saúde mental nos trabalhadores (Jung &Jun, 2020).

Para além destas questões, importante destacar que o cenário de pandemia provocou muitas mudanças nos sistemas de saúde, trabalhar sob constante pressão e estresse, sem escolhas, são fatores que se configuram como situações que acabam por influenciar no modo

de vivenciar a profissão das participantes, pois em muitos casos, diante do contexto, quem não adoecia de covid-19, estava propenso a adoecer de esgotamento físico e mental.

“Ou eu enfrentava a situação ou eu pedia pra sair, ne!? E se eu tivesse que arrumar outro emprego ia ser tudo covid” (Entrevistada 1- Enfermeira)

“Porque teve uma sobrecarga muito grande, muito profissional se afastando, muito profissional adoecendo... E acabava que quem não adoecia... Aumentava... A carga”

(Entrevistada 6)

As falas das participantes apontam para a sobrecarga emocional no contexto profissional, a dificuldade de separação pessoa versus profissional. Em concordância com as falas das entrevistadas, Brito et al., (2021) aponta que diante desse cenário, para esses trabalhadores, o estresse e a pressão de lidar com o ofício, acrescido do risco de adoecimento, provocam severos problemas de saúde mental. Ao passo que, em contrapartida, estes não eram impedimentos de tentar encontrar outros vínculos de trabalho.

Apesar de toda a carga emocional vivenciada no trabalho do combate a pandemia, as participantes buscaram estratégias de enfrentamento durante o período, como o auxílio da espiritualidade, mencionado na fala de uma das entrevistadas:

“Pedi a Deus muita força e graças a Deus Ele me escutou muito” (Entrevistada 5- Enfermeira)

Autores como Sant’ana; Silva & Vasconcelos (2020) acreditam que a espiritualidade se mostra como um dos principais recursos dos profissionais de saúde para compreender os sofrimentos vivenciados durante o período.

A resiliência também mostrou-se como uma estratégia de enfrentamento utilizada para dar novos significados as situações vivenciadas durante o período, e segundo Dantas (2021) a resiliência psicológica é entendida como uma tendência que se manifesta por ocasião da

superação de situações e momentos complexos ou de risco, e assegura a continuidade de um desenvolvimento saudável (Dantas, 2021).

“A partir daí você começa a pensar de outra forma com relação a tudo e dar valor a outras coisas que você não dava antes. Sabe?” (Entrevistada 7 - Enfermeira)

Costa, Servo & Figueredo (2022) confirmam que a situação produzida pela covid-19 apenas agravou e multiplicou as intensas demandas cognitivas, físicas, sociais e emocionais vivenciadas, antes dessa pandemia, pelos profissionais de saúde no contexto hospitalar.

Além dos fatores mencionados, as questões se intensificam quando pensamos que para além do trabalho no hospital, todas as mudanças de rotina e sentimentos vivenciados, essas mulheres possuem jornadas duplas, sendo mães e profissionais, o que aumenta ainda mais a carga emocional em precisar equilibrar o trabalho formal e o informal.

“Foi acho que muito difícil e muito estressante, né!? todo mundo com muito medo de se contaminar, menino pequeno em casa... Foi... Foi pesado” (Entrevistada 6 -Médica)

Podemos compreender que o momento vivenciado trouxe impactos psicológicos e emocionais significativos para as profissionais de saúde em questão. Em um período permeado pelos sentimentos de medo e angústia, por todas as modificações sociais, do trabalho, em casa, acrescido do risco de infecção e transmissão para os familiares, além do ameaçador medo da morte durante um significativo espaço de tempo.

Categoria 2: Ser mãe e profissional da saúde durante a pandemia

Nesta categoria discutiremos as vivências das mulheres/mães/profissionais no âmbito materno e profissional durante a pandemia, como essas questões foram experienciadas nesse período, as repercussões em suas rotinas, bem como os impactos emocionais sentidos. É importante discutirmos sobre as singularidades da maternidade, pois como apontam Gomes, Port & Cerveira (2022) idealizar sobre a maneira como cada mãe deve reagir frente as

necessidades de seu filho pode gerar muito sofrimento psíquico para a mulher/mãe, dessa forma, surge a necessidade de se questionar se a maternidade é igual para todas, visto que cada indivíduo é único e vive a sua maneira.

Vieira, Anido & Calife (2022) confirmam que as mulheres da área da saúde, além de ganharem maior responsabilidade profissionalmente com o enfrentamento da pandemia, permanecem como cuidadoras principais do lar, duplamente sobrecarregadas.

Essa sobrecarga de trabalho é perceptível nos discursos das mulheres entrevistadas:

“Foi bem exaustivo durante todo o processo, né!? (...) Quanto mais tempo eles ficavam em casa, maior era essa demanda por uma atenção, por uma atividade e acho que mais do que a demanda deles... Eu falo enquanto mãe, de... querer, é... de algum jeito suprir”(Entrevistada 3 - Fisioterapeuta)

“Foi o caos! Então... Acabava que aumentou a demanda também, né!? (...) Aí vai pra escola, vai pra casa dos meus pais... vai passear num shopping, num parque (...) Então isso passou a ser o tempo todo dentro de casa. Então teve essa modificação assim que pesou muito”(Entrevistada 4 – Terapeuta Ocupacional)

Com o isolamento social houve a necessidade de manter os filhos em casa o que impactou de forma significativa as demandas de cuidado. Batista (2021) refere que a pandemia intensificou a privatização do cuidado, multiplicando as demandas dessas mulheres, uma vez que os encontros presenciais foram impossibilitados ao longo da pandemia, assim como os passeios, idas à escola e parques e outras atividades que antes possibilitavam uma melhor qualidade de vida para as mulheres e seus filhos (Batista, 2021).

Diante das falas apresentadas, compreende-se que o papel de cuidado comumente está relacionado a figura feminina, o que parte de uma construção cultural sobre o papel da mulher na sociedade. Apesar dos avanços das conquistas das mulheres ao longo dos anos, ainda

existe uma cobrança relacionada ao compromisso com o lar, do cuidado com os filhos como exclusividade da mulher. Nota-se nas falas a seguir:

“Eu só fiquei com o meu núcleo de casa, mas ninguém... Eu não via meus pais, eu não via meu irmão, eu não via ninguém, né!? (...) A gente perdeu completamente rede de apoio, né!?” (Entrevistada 6 - Médica)

“Foi bem... foi bem desgastante e bem cansativo porque eu tinha que vim trabalhar e não tinha com quem deixar meus filhos” (Entrevistada 7 - Enfermeira)

“Meus pais que são a minha maior parte de rede de apoio eu tive também que isolar um pouquinho. E aí conseqüentemente teve momentos que eu me vi eu e minha filha, né!”
(Entrevistada 4 – Terapeuta Ocupacional)

Batista (2021) ressalta que as mulheres que não contam com uma rede de apoio sofrem muito mais do que aquelas que contam com essa rede, além de enfrentar múltiplas jornadas de trabalho e solidão. O que se confirma na fala de uma das entrevistadas, que conseguiu manter a sua rede de apoio em meio ao contexto vivenciado.

“Olha! Graças a Deus pra mim foi tranquilo, assim em relação a conciliar horário de trabalho com a maternidade. Porque meu marido ficou em home office e eu tenho uma rede de apoio maravilhosa, sabe!?” (Entrevistada 1 - Enfermeira)

No entanto, o medo foi um dos sentimentos mais mencionados durante as falas das entrevistadas, principalmente o medo de contaminar-se, perder a própria vida e deixar os filhos órfãos, o que corrobora com o mencionado por Oliveira et al., (2020) que os profissionais de saúde experimentam exaustão emocional relacionada ao medo de se contaminar no trabalho, como um dos impactos imediatos da atuação profissional (Oliveira et al., 2020).

“Por outro lado, quando meu esposo adoeceu eu fiquei mais tranquila, porque ele adoeceu e não morreu, eu digo não se eu morrer já tem uma pessoa que fique com os meninos (risos)” (Entrevistada 2 - Médica)

“Eu acho que era muito mais difícil acho que pelo medo de se contaminar no hospital, né!? E a gente acabar morrendo e deixando órfão, do que por qualquer outra coisa, sabe!?” (Entrevistada 6 - Médica)

Além do medo de perder a própria vida, o medo de transmitir o vírus para os familiares, em especial os filhos, suscitava ao sentimento de culpa, ao qual a mãe não gostaria de carregar, traduzindo em uma evitação da culpa. Andrade, Souza & Benincasa (2020) sugerem que no entanto o medo sentido parece ser mais pensando na família, se preocupam com o fato de que de alguma maneira possam vir a servirem como transmissoras do vírus a família(Andrade; Souza & Benincasa, 2020).

“O medo de você deixar outras pessoas doentes, então... (...) E se alguém ficar doente? A culpa vai ser minha. E a gente tem sempre esse medo, né!?” (Entrevistada 4)

“E se ela tivesse que pegar covid, ela pegaria covid com qualquer outra pessoa, mas comigo não. Entendeu?”(Entrevistada 5 - Enfermeira)

Com o alto potencial de transmissão do vírus da covid-19 algumas mulheres entrevistadas precisaram passar um período afastadas de seus filhos, seja pelo medo a exposição, por ter se infectado e entre outros motivos.

“Eles chegaram a ficar quinze dias na casa dos avós, com o pai deles. (...) Não vou dizer a você que foi uma experiência sofrida não, ne!? Além da saudade normal, foi até um momento que eu pude respirar um pouco” (Entrevistada 4 – Terapeuta Ocupacional)

“Tive que ficar longe da minha filha. Por um bom tempo. Eu me contaminei logo, então eu tive que passar quase um mês e meio e mesmo assim, quando eu voltei a trabalhar eu não deixava ela em casa, ela ficava na casa dos meus pais” (Entrevistada 5 - Enfermeira)

A fala da entrevistada 4 torna-se bastante significativa, pois desnaturaliza a ideia das mulheres como principais cuidadoras dos filhos e do lar, levando à reflexão de que as mulheres/mães precisam de um tempo para si e não necessariamente estão condicionadas a darem conta de tudo o tempo inteiro. Mas como menciona Santos et al., (2021) desfrutar o lar como um ambiente seguro, de descanso e proteção deveria ser um direito básico garantido, mas na prática ainda é um privilégio de classe e gênero.

Contudo, essa não foi a realidade de todas as participantes, pois como mencionado anteriormente, nem todas contaram com o privilégio de continuar com sua rede de apoio devido ao isolamento social estabelecido e outras até mesmo optaram por continuar com seus filhos em casa, pelas incertezas do futuro e por não saber quanto tempo a situação poderia durar. Essas divergências são evidenciadas nas falas a seguir:

“(...) escuto relatos de médicas, de enfermeiras, de técnicas em enfermagem que precisaram se afastar por um período muito longo dos filhos e eu não sei como é que eles se adaptaram, porque eu não ia me adaptar e muito menos ela” (Entrevistada 1 - Enfermeira)

“Mas como a gente não tinha noção nenhuma de quanto tempo ia demorar, então acabou que eu fiquei com ela normal em casa, né!” (Entrevistada 6 - Médica)

Sendo assim, apesar de optarem por permanecer com os filhos em casa, empiricamente podemos crer que muitas mães estão sobrecarregadas, por exemplo, muitas delas vêm sendo responsáveis pelos cuidados da casa, dos filhos e de seu trabalho formal (Silva et al., 2020).

A partir dessa questão podemos pensar sobre os desafios emocionais impostos a essas mulheres, mães e profissionais em meio a pandemia, e suas percepções sobre as cobranças impostas socialmente e a necessidade de dar conta de tantas tarefas ao mesmo tempo, buscando um possível equilíbrio entre vida profissional, pessoal e familiar em um período de crise.

“Assim, foi mais difícil do ponto de vista emocional do que do ponto de vista prático, né!?” (Entrevistada 6 - Médica)

“Acho que acabou sendo mais desgastante a rotina em casa do que no trabalho em si” (Entrevistada 2 - Médica)

Por fim, compreende-se que a maternidade é vivenciada de forma subjetiva para cada mulher e como aponta Santos et al., (2021) não existe certo ou errado quando o assunto é maternidade, cada mulher tem sua particularidade ao exercer esta função com o intuito de desfrutar de um ambiente harmônico.

Apesar das especificidades apresentadas pelas participantes em suas vivências maternas na pandemia, muitos impactos emocionais foram sentidos em comum durante o período e a sobrecarga materna foi um dos pontos evidenciados nas falas das mulheres/mães entrevistadas.

Categoria 3: Perspectiva sobre o acompanhamento psicológico

Na última categoria serão discutidas as percepções das profissionais de saúde sobre o acompanhamento psicológico, qual a importância do profissional da Psicologia para o momento vivenciado através de suas visões, a aderência ao cuidado em saúde mental das mulheres/mães/profissionais de saúde e perspectivas sobre o autocuidado durante a pandemia.

O cuidado em saúde mental é essencial para o enfrentamento do período atual que não é simples de vivenciar. Nesta pesquisa, a grande maioria das participantes afirmou que não possuía acompanhamento psicológico e em muitos casos não sentiam a necessidade dessa assistência no momento vivenciado, apesar de entender a importância do profissional habilitado para o cuidado em saúde mental, ou seja, o psicólogo.

“(…) até agora, pelo menos, eu não senti assim uma necessidade de um, de um tratamento digamos assim, direcionado, por algum problema” (Entrevistada 2 - Médica)

“É, acho que teria sido importante. Não tive não. Acho importante, mas não sei se... Se vou ter não” (Entrevistada 6 - Médica)

“Se você acha importante o acompanhamento psicólogo? Acho! Mas hoje eu não tenho forças pra isso. Então, é... Basicamente tem sido trabalhar, dormir, trabalhar, dormir... E assim a vida segue” (Entrevistada 4 – Terapeuta Ocupacional)

Neste sentido, apesar da baixa adesão dos profissionais de saúde em relação a procura de um profissional da saúde mental, autores como Schmidt et al., (2020) destacam que os Psicólogos podem contribuir para promoção da saúde mental e prevenção de implicações psicológicas negativas a profissionais da saúde, ao oferecer a eles suporte e orientação sobre como manejar algumas situações.

A entrevistada 4 destaca que não procura o atendimento por diversos fatores, incluindo a sobrecarga do seu cotidiano, o que corrobora com o que destaca Weintraub et al., (2020) que a exaustiva carga de trabalho pode comprometer o autocuidado do trabalhador.

Nesse sentido, algumas falas destacam o quanto o profissional estava acima dos outros papéis durante o período, se sobressaindo quanto ao ser mulher e mãe durante o período vivenciado. Ressaltou o profissional acometido por tantas mudanças provocadas pelo cenário pandêmico.

“Quanto mulher, de fato foi, foi uma época bem nula, porque realmente não foi algo que eu... não tive tempo hábil ou eu não soube gerir meu tempo pra olhar pra esse aspecto, sabe” (Entrevistada 4 – Terapeuta Ocupacional)

“Acho que foi uma época que a gente só foi profissional, no final das contas, né!? (...) Foi uma época muito mais de trabalhar do que necessariamente de você... Assim, a gente ficou completamente em último lugar, né!”(Entrevistada 6 - Médica)

Essas falas suscitam a reflexão sobre como a própria mulher, atravessa por diversas questões e a sobrecarga acumulada durante o período, acaba se colocando como aquela que dá

o tempo todo e não recebe. Nesse sentido, Santos et al. (2021) ressalta algumas estratégias que podem ser capazes de amenizar este impacto na maternidade, como por exemplo, solicitar e aceitar ajuda dos familiares, orientar e dividir os encargos e tarefas, desse modo, que todos possam ajudar e partilhar a criar novos hábitos (Santos et al., 2021).

Reconhecendo assim, que em muitos momentos é necessário identificar a necessidade de auxílio seja ele no âmbito familiar ou em acompanhamento profissional. Contudo, as participantes entrevistadas parecem conservar certa resistência em aceitar a ajuda psicológica, voltando o cuidado, ao outro e não para si mesma, alegando que o outro precisa, mas ela não.

“(...)eu acho que tem muita gente vulnerável, muita gente precisa ir, reluta pra procurar uma pessoa, um profissional, né!? Pra ajudar” (Entrevistada 1 - Enfermeira)

“(...) sempre digo a meu esposo que eu acho que é uma coisa que todo mundo assim... precisa ou vai precisar...” (Entrevistada 2 - Médica)

Apesar de acreditarem não ser necessário o acompanhamento com um profissional da Psicologia no momento vivenciado, as participantes apresentaram em seus discursos demandas relacionadas ao estresse e ansiedade e tentaram suprir esses aspectos emocionais através da alimentação, como dito a seguir:

“Eu acho que o que a gente mais viu pra todo mundo inclusive lá em casa foi: ausência completa de qualquer atividade externa, né!? Eu já não tinha, bem honestamente falando, mas assim... Além de você ficar extremamente dentro de casa, eu acho que houve uma, uma tentativa de suprir com comida e bebida” (entrevistada 6 - Médica)

Maynard et al., (2020) confirma que o atual momento acarretou mudanças importantes para o convívio social, alterando o comportamento alimentar e/ou aumentando quadros psicológicos de ansiedade na população. Para além desses aspectos, os cuidados em saúde mental também foram transferidos para conversas com amigos próximos e atividades religiosas, que segundo os discursos das entrevistadas, pode ser considerado uma forma de

enfrentamento para o período em questão. Contudo, é importante evidenciar que essas são coisas distintas de um acompanhamento psicológico e que não substituem os cuidados em saúde mental (Jubim; Alves & Júnior, 2021). Nas falas a seguir, vemos essas outras alternativas como possibilidades encontradas pelas entrevistadas:

“(...)normalmente, eu já tenho assim, uma... uma rede de apoio um pouco diferente, entende? em termos de grupo, de pessoas e da questão religiosa também” (Entrevistada 2 - Médica)

“No meu caso, particularmente, a conversa era muito com o colega de trabalho. Coincidentemente eu tenho um psicólogo que trabalha diretamente comigo, então... Muitas vezes foi o meu suporte, assim...” (Entrevistada 4 – Terapeuta Ocupacional)

Apesar do evidente receio em relação ao contato com o profissional da Psicologia, algumas participantes, mesmo que em menor número, consideravam a importância do acompanhamento psicológico e relataram sobre os benefícios do acompanhamento.

Eu tenho acompanhamento psicológico, já tenho há um tempo. Na verdade, isso era pra ser atenção básica, ne!? A Psicologia, ne!? Pra todo mundo, independente. E nessa época de pandemia especialmente, ne!? Acho que... é... faz-se urgente que isso seja mais ampliado (Entrevistada 3 - Fisioterapeuta)

“Antes mesmo da pandemia eu acho que seria interessante, é sempre interessante você ter uma pessoa pra você conversar, visto que você não entende muita coisa que acontece, não é sua área... (...) E hoje eu tô sendo acompanhada, tem um mês e eu tô gostando muito. Por necessidade pessoal” (Entrevistada 7 - Enfermeira)

Ferrari (2021) certifica que em situações desgastantes, que demandam muito emocionalmente, como no cenário destacado, ter um profissional que seja referência para suporte, o qual a equipe sabe que pode acionar em caso de necessidade, é fundamental para a promoção e prevenção da saúde mental (Ferrari, 2021).

Os discursos das participantes divergiram bastante, quando se tratava mais especificamente, sobre o oferecimento do serviço dentro do hospital no período da pandemia, como observado nas falas a seguir:

“Ofereceu. Eu acho que tanto de Psicologia como de Psiquiatria. Eu acho que tinha um plantão... Meio online... Acho que... Eu tenho quase certeza que ofereceu.” (Entrevistada 6 – Médica)

“É o que eu já tinha respondido, né? Não. (risos). Aí só veio dar mesmo assim, foi logo quando... Próximo da morte da funcionária. Aí foi quando a gente... As meninas tiveram. Eu mesmo não tive. Assim... Apesar que se eu pedisse acho que vinha, ne!? Porque ela tava aqui.” (Entrevistada 5 – Enfermeira)

“Não que eu saiba!” (Entrevistada 2 – Médica)

Diante de todas as questões explanadas nesta categoria, percebe-se nas narrativas das entrevistas que apesar das resistências ou dificuldades encontradas em relação a aderência ao acompanhamento psicológico, existe o reconhecimento sobre a importância do profissional de Psicologia durante o contexto vivenciado, bem como para os outros períodos de suas vidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados apontados nesta pesquisa revelam as subjetividades das mulheres/mães/profissionais de saúde no que tange o vivenciar a maternidade ao mesmo passo que estão inseridas no contexto laboral, especificamente neste estudo, em um período pandêmico.

Apesar de cada uma experienciar o período de sua forma, alguns pontos se cruzaram em suas falas como os sentimentos de medo e angústia presentes durante o período, sobretudo ao que diz respeito em contaminar seus filhos, as dificuldades encontradas pelas trabalhadoras da saúde no contexto hospitalar acometido pela covid-19 por ter que enfrentar uma doença

ainda desconhecida, sem tratamento e estrutura adequada para combatê-la, estando expostas a infecção por se tratar de um hospital de assistência a pacientes com covid-19.

Além desses aspectos, outro ponto em comum foi a idade de seus filhos que variaram entre 3 e 6 anos correspondendo a primeira infância, período em que os indivíduos são muito dependentes de um cuidador, dificultando para essas trabalhadoras o distanciamento destes, sendo assim, a rede de apoio se torna imprescindível para essas mulheres, contudo, nem sempre foi possível, apesar da maioria continuarem recebendo esse auxílio, outras mesmo que em menor quantidade, apontaram as dificuldades enfrentadas no momento por ter que dar conta do trabalho formal e informal sem essa rede.

Essas mulheres, cada uma com suas realidades e vivências subjetivas, apresentaram em comum esses sentimentos e sentiram a sobrecarga materna que um contexto como esse evidenciou ainda mais. Percebe-se que as mulheres ainda se encontram atravessadas pelas cobranças sociais relacionadas à maternidade.

Apesar do fato das entrevistadas, em sua maioria, contarem com rede de apoio e outras estratégias de enfrentamento, fica evidente o quanto é difícil realizar uma separação objetiva entre o ser mãe, ser profissional e ser mulher. Pois, na verdade, são papéis vivenciados de forma subjetiva e com muitas particularidades que se conectam.

Nesse sentido, aponta-se para a importância do profissional de saúde mental, em contexto hospitalar e como suporte emocional para essas profissionais da saúde no período vivenciado. Mesmo a maioria não tendo realizado acompanhamento psicológico, reconhecem a sua importância.

Por fim, essa pesquisa amplia nosso olhar sobre a temática em questão e visa fortalecer formas de cuidado com as profissionais de saúde e mães, que tiveram suas condições emocionais impactadas pela pandemia.

REFERÊNCIAS

- Andrade, C. J., de Souza, F. C., & Benincasa, M. (2020). CONCILIAÇÃO MATERNIDADE E TRABALHO NA PANDEMIA DA COVID-19: O DISCURSO DE PROFISSIONAIS DE SAÚDE. *Revista Interdisciplinar Encontro das Ciências-RIEC| ISSN: 2595-0959*, 3(3).
- Batista, M. S. S. (2021). Maternar na pandemia: experiências de mulheres mães universitárias em tempos de Covid-19.
- Bezerra, B. (2020). Saúde Mental e Desigualdades na Pandemia. Entrevista concedida no canal Youtube, em 19 junho 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=GbpaG4Yjax8>. Acesso em 14 maio 2022
- Brito, B. F. M., de Sousa, A. M., Alencar, K. C., Martins, R. M., de Azevedo, R. L. F., & de Araújo, J. M. N. (2021). A pandemia do COVID-19 e um novo problema de saúde pública: Os impactos emocionais em profissionais de saúde. *Research, Society and Development*, 10(6), e11610615516-e11610615516.
- Brooks, S. K., Webster, R. K., Smith, L. E., Woodland, L., Wessely, S., Greenberg, N., & Rubin, G. J. (2020). The psychological impact of quarantine and how to reduce it: Rapid review of the evidence. *The Lancet*, 395, 912–920. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30460-8](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30460-8)
- Costa, N. N. G., Servo, M. L. S., & Figueredo, W. N. (2022). COVID-19 e o estresse ocupacional vivenciado pelos profissionais de saúde no contexto hospitalar: revisão integrativa. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 75.
- Dantas, E. S. O. (2021). Saúde mental dos profissionais de saúde no Brasil no contexto da pandemia por Covid-19. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 25.
- Dunker, C. (2020). Em entrevista exclusiva, psicanalista Christian Dunker fala sobre a saúde mental em meio à pandemia. Entrevista concedida a TV Cultura em 19 Maio 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=4NagGELLqNU>. Acessado em 14 maio 2022.

- Ferrari, J., & Brust-Renck, P. G. (2021). Cuidados em saúde mental ofertados a profissionais de saúde durante a pandemia de Covid-19. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, 23(1)
- Gil, A.C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.
- Gomes, M. S. Port, I. F., Cerveira, L. A. (2022). IDEAIS CULTURAIS ACERCA DA MATERNIDADE E SEUS POSSÍVEIS IMPACTOS SUBJETIVOS NA MULHER. *Revista Fronteiras em Psicologia*, 4(2), 60-76.
- Jorge, M. A. C., Mello, D. M., & Nunes, M. R. (2020). Medo, perplexidade, negacionismo, aturdimiento e luto: afetos do sujeito da pandemia. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 23, 583-596.
- Jubim, A. S., Alves, N. S., & Junior, P. J. S. (2021). O Coping Religioso/Espiritual como Ferramenta de Auxílio à Saúde Mental durante a Pandemia da COVID-19. *Revista Transformar*, 15(1), 341-351.
- Jung, S. J. & Jun, J. Y. (2020). Mental health and psychological intervention amid COVID-19 outbreak: perspectives from South Korea. *Yonsei Medical Journal*, 61(4), 271-272.
<http://dx.doi.org/10.3349/ymj.2020.61.4.271>
- Maynard, D. C., dos Anjos, H. A., das Virgens Magalhães, A. C., Grimes, L. N., Costa, M. G. O., & Santos, R. B. (2020). Consumo alimentar e ansiedade da população adulta durante a pandemia do COVID-19 no Brasil. *Research, Society and Development*, 9(11), e4279119905-e4279119905.
- Minayo MCS. Amostragem e Saturação em Pesquisa Qualitativa: Consensos e Controvérsias. *Revista Pesquisa Qualitativa*. [Internet]. 2017 [Acesso em: 20 de Março de 2020]; 5(7): 01-12.
Disponível em:
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4111455/mod_resource/content/1/Minayosatur
- Minayo, M.C. (2008). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec.

- Minayo, S. M. C. (2017). Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: Consensos e controvérsias. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 5(7), 01-12. Recuperado de <https://www.semanticscholar.org/paper/Amostragem-e-satura%C3%A7%C3%A3o-em-pesquisa-qualitativa%3A-e-Minayo/13b7e132922d499678e7e74fcceb938aa7711f53?p2df>
- Oliveira, W. A. D., Oliveira-Cardoso, É. A. D., Silva, J. L. D., & Santos, M. A. D. (2020). Impactos psicológicos e ocupacionais das sucessivas ondas recentes de em profissionais da saúde: revisão integrativa e lições aprendidas. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 37.
- Ornell, F., Schuch, J. B., Sordi, A. O., & Kessler, F. H. P. (2020). "Pandemic fear" and COVID-19: mental health burden and strategies. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 42, 232-235.
- Sant'ana, G., Silva, C. D., & Vasconcelos, M. B. A. (2020). Espiritualidade e a pandemia da COVID-19: um estudo bibliográfico. *Comunicação em Ciências da Saúde*, 31(03), 71-77.
- Santos, J. B. S., Santiago, E., Lopes, E. R., Merighi, C., Duarte, A. G. G., & Cyniro, C. M. S. (2021). A vivência da maternidade em meio à pandemia. *Global Academic Nursing Journal*, 2(Spe. 1), e95-e95.
- Schmidt, B., Crepaldi, M. A., Bolze, S. D. A., Neiva-Silva, L., & Demenech, L. M. (2020). Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). *Estudos de Psicologia (campinas)*, 37. <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/L6j64vKkynZH9Gc4PtNWQng/>
- Silva, E. G., Maciel, J. R., Pontes, A. C., Delfino, V. D. A. F. R., da Silva, F. G., & Junior, J. A. P. (2021). Adaptações de uma unidade de pronto atendimento frente a pandemia do COVID-19: relato de experiência. *Saúde Coletiva (Barueri)*, 11(65), 6120-6127.
- Texeira, C.F.S., Soares, C.M., Souza, E. A., Lisboa, E. S., Pinto, I. C. M., Andrade, L. R., Espiridão M. A. (2020). A saúde dos profissionais de saúde no enfrentamento da pandemia de Covid-19. *Ciência saúde coletiva*, 25(9), 3465-3474.

- Vieira, J., Anido, I., & Calife, K. (2022). Mulheres profissionais da saúde e as repercussões da pandemia da Covid-19: é mais difícil para elas?. *Saúde em Debate*, 46, 47-62.
- Weintraub, A. C. A. D. M., Silva, A. C. L. G. D., Melo, B. D., Lima, C. C., Barbosa, C., Pereira, D. R., & Gertner, S. (2020). Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19: orientações aos trabalhadores dos serviços de saúde.
- Xiao, C. (2020). A novel approach of consultation on 2019 novel coronavirus (COVID-19)-related psychological and mental problems: structured letter therapy. *Psychiatry Investigation*, 17(2), 175-176.